

OXFORD, CIDADE DE ONTEM E DE HOJE PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES

NICE LECOCQ-MÜLLER

No segundo semestre de 1948, a Dra. NICE LECOCQ-MÜLLER, assistente da cadeira de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e sócio cooperador da A. G. B., esteve trabalhando na Universidade de Oxford (Grã-Bretanha), como beneficiária de uma bolsa de estudos que lhe foi oferecida pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, de cujo corpo docente faz parte.

O presente estudo contém algumas observações de caráter geográfico, colhidas diretamente e através de fontes consultadas, durante sua permanência naquela velha cidade inglesa.

Oxford e sua situação geográfica. — A cidade de Oxford está localizada na porção centro-meridional da Inglaterra, compreendida entre o maciço do País de Gales e a Bacia de Londres, a que DUDLEY STAMP (1) reserva o nome de *English Scarplands*. Trata-se de uma região de estrutura monoclinial, constituída por sedimentos mesozóicos e cenozóicos assentados sobre o embasamento de rochas antigas, a que correspondem o maciço de Devon, a cadeia Penina e o maciço de Gales. Constitui uma típica plataforma estrutural, que desce suavemente na direção de leste e de sudeste e em que se alternam formações resistentes (calcáreos, arenitos) e formações friáveis (argilas, areias).

Embora os agentes de erosão tenham aplainado bastante as formas do relêvo, destacam-se de maneira marcante, nesse trecho da Inglaterra, as depressões dominadas por escarpas, que são devidas ao afloramento das camadas mais resistentes e que se elevam a uma altitude média de 200 m. acima do nível dos vales. Daí o aparecimento de pequenos quadros naturais, que se individualizam perfeitamente na paisagem: de um lado as *depressões*, onde predomina a vegetação erbácea, com aspecto fresco e agreste; de outro as *escarpas*, de solo freqüentemente pedregulhoso, despidas de vegetação ou com raros tufos de relva.

(1) STAMP (L. Dudley), *Britain's Structure and Scenery*, pág. 172.

Oxford está situada exatamente numa dessas verdes depressões, que se vê limitada ao norte pelas escarpas de Cotswold e ao sul pelas de Chiltern e onde predominam os terrenos jurássicos (2). No conjunto da região, sua posição é acentuadamente central, encontrando-se a distâncias aproximadamente iguais dos principais centros urbanos que ali se acham (Londres, Birmingham, Bristol, Southampton) e no ponto de cruzamento das vias de comunicação que os ligam entre si: estrada Londres-Bristol, na direção leste-oeste; estrada Birmingham-Southampton, na direção norte-sul. Tal posição geográfica justifica perfeitamente sua escolha como local de reunião das assembléias nacionais inglesas do século XI, como sede do Parlamento nos séculos XV e XVI, e mesmo, embora por um curto lapso de tempo, como capital do reino no século XVII.

A exemplo de outras cidades banhadas pelas águas do Tâmis, fica Oxford na confluência desse rio com um de seus tributários — o Cherwell (3). O Tâmis, que até ali é subsequente, toma então a direção noroeste-sudeste e atravessa a escarpa de Chiltern, na passagem conhecida pelo nome de Sandford; tem Oxford, assim, ainda a vantagem de dominar essa via natural de passagem, que marca o limite da navegação comercial do Tâmis.

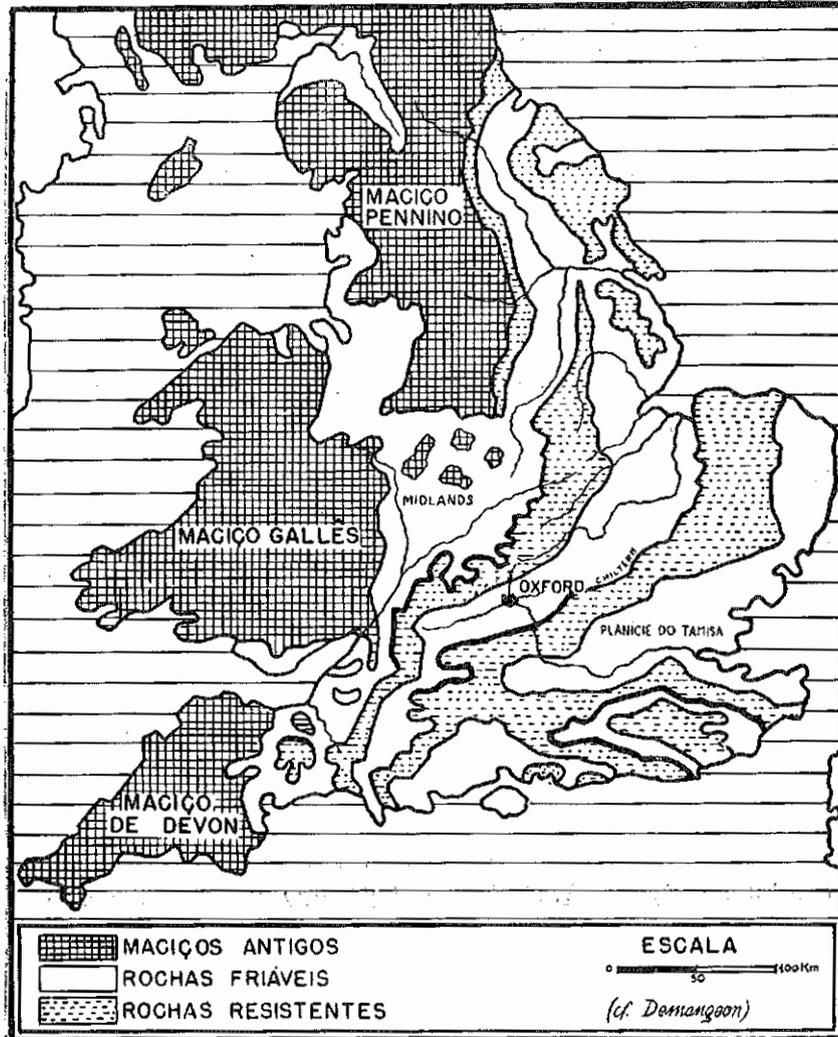
O núcleo original de Oxford encontra-se numa pequena elevação entre os dois rios, suficientemente alta para ficar a salvo das inundações. Tal elevação corresponde ao terraço fluvial que acompanha, às vezes fragmentado, os vales do Cherwell e do Tâmis; as altitudes tornam-se um pouco maiores para o interior, em virtude de uma série descontínua de colinas (designadas por alguns pela expressão *Oxford Heights*), que separam o curso superior do Tâmis dos vales do Ock e do Tame.

Uma cidade de origem medieval. — Desde as origens, Oxford acha-se intimamente ligada à sua situação geográfica e ao seu sítio urbano. Nos documentos históricos do ano de 912, aparece citada como lugar fortificado, espécie de cidade de fronteira, cujo papel consistia em assegurar o tráfego para o sul e para leste, além de fiscalizar os povos do norte. Protegida por três lados pelos cursos dos rios Tâmis e Cherwell, bastava que se fortificasse na direção norte, onde então dominavam as florestas (4). Localmente, Oxford era uma via de passagem obrigatória para o gado que ia das colinas orientais para as de oeste, graças ao fato de se achar no trecho mais

(2) Cf. STAMP, pág. 66.

(3) *Reading*, por exemplo, encontra-se na confluência do Tâmis com o Kennet; e *Abindon*, na com o Ock.

(4) Quando os primeiros estudantes ali se fixaram, por volta do século XII, queixavam-se pelo fato de terem de atravessar pântanos ou florestas, ao sair da cidade.



Oxford e sua situação geográfica

estreito entre os dois rios e num ponte livre das inundações, o que a tornava propícia como lugar de estadia (5). Não passava, então, de um pequeno aglomerado, desenvolvido ao redor da igreja de São Martinho, colocada no tampo do terraço e ao longo das duas vias, norte-sul e leste-oeste. Era a sede de um condado, cujos habitantes pagavam tributo ao rei (£20 por ano) e ao nobre titular, Conde de Algar (£10 por ano); contava, então, 243 casas ocupadas e 478 desocupadas (6).

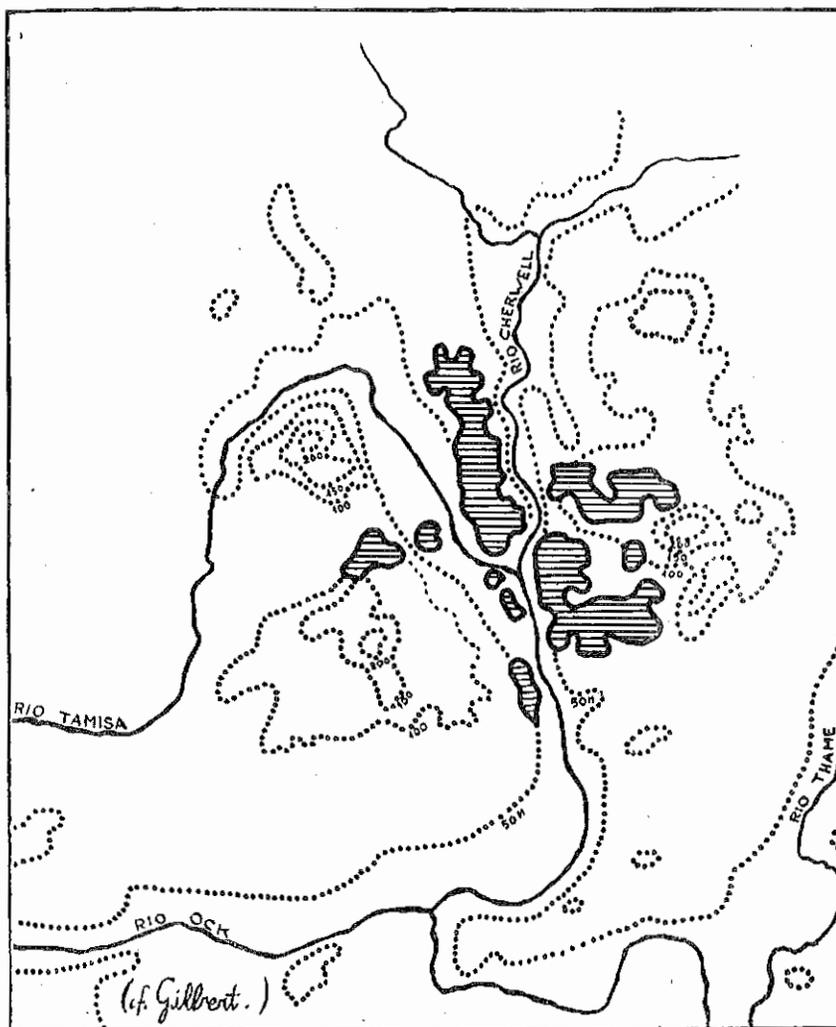
Até o século XVI, Oxford manteve todos os seus característicos medievais, sendo totalmente cercada por uma muralha, que media cerca de 800 m no sentido leste-oeste e 400 m no sentido norte-sul, com quatro portas correspondentes aos pontos cardiais. Na extremidade ocidental, dominando o casario do alto de pequena colina, artificialmente formada com a terra retirada dos fossos de proteção, encontrava-se o castelo feudal. Duas portas dispunham de pontes sobre o fôssco e o rio — as de oeste e do sul, em virtude da maior extensão dos pântanos.

Foi somente depois do século XVI que a população estudantil, cada vez maior, obrigou a cidade a ultrapassar as suas velhas muralhas. Até meados do século XIX, a expansão fez-se principalmente rumo ao norte, acompanhando o terraço fluvial; mas, apesar de se ter a cidade desenvolvido sempre nessa direção, a partir do século XX foi a margem esquerda do Cherwell e do Tâmsa que maior desenvolvimento apresentou. A razão disso pode ser encontrada na menor extensão da várzea inundável e na maior largura do terraço, condições não encontradas na outra margem do Tâmsa; além disso, esse trecho moderno está mais próximo do centro da cidade e voltado para a direção de Londres.

A planta de Oxford caracteriza-se pela cruz formada pelos eixos norte-sul e leste-oeste, pelo traçado elíptico das ruas que circundam o centro (reminiscência das muralhas medievais), pelo bifurcamento da via que se dirige para o norte (ligação com as cidades satélites de Woodstock e Bambury) e pelas vias que, a oriente, se abrem em leque e conduzem aos três bairros densamente povoados de St. Clement, Cowley e Iffley. Em seu conjunto, o plano de Oxford lembra grosseiramente uma estrela de quatro pontas, de aspecto irregular.

(5) A palavra *Oxford* deriva de *Oxnaford*, "o váu dos bois".

(6) Essa desproporção entre as casas ocupadas e as desocupadas explica-se pelo fato de que, quando alguém morria sem deixar herdeiros, sua habitação passava a pertencer ao patrimônio real; como, nessa época, a cidade foi devastada por várias epidemias, o número de casas desocupadas veio a ser muito grande. Se alguma família desejava habitar uma dessas propriedades reais, devia pagar uma taxa anual. É curioso registrar que, ainda hoje, há pessoas que habitam casas construídas em terrenos de propriedade real e pagam a mesma taxa fixada nesses tempos remotos: 4 a 30 pence anualmente, ou sejam Cr\$ 1,60 a Cr\$ 6,00...



O sítio urbano de Oxford

Em hachuras, aparece a área ocupada pela velha cidade inglesa.

Cidade mercado, centro universitário, cidade industrial. —

A atual cidade desempenha um número variado de funções, que contribuam de maneira decisiva para caracterizar sua fisionomia urbana.

Dessas, a *função comercial* é, sem dúvida, a mais antiga e decorre de sua situação geográfica. Além de ainda desempenhar o papel de encruzilhada de vias vitais de comunicação (7), Oxford encontra-se suficientemente afastada de Londres para tornar-se um verdadeiro mercado regional. Seu pequeno pôrto fluvial e suas estações ferroviárias, embora modestas e de mau aspecto, apresentam um intenso movimento de mercadorias; até mesmo o Mercado Municipal, no seu desprezível papel de suprir os habitantes da região, exerce sua influência num raio de 40 km, aproximadamente.

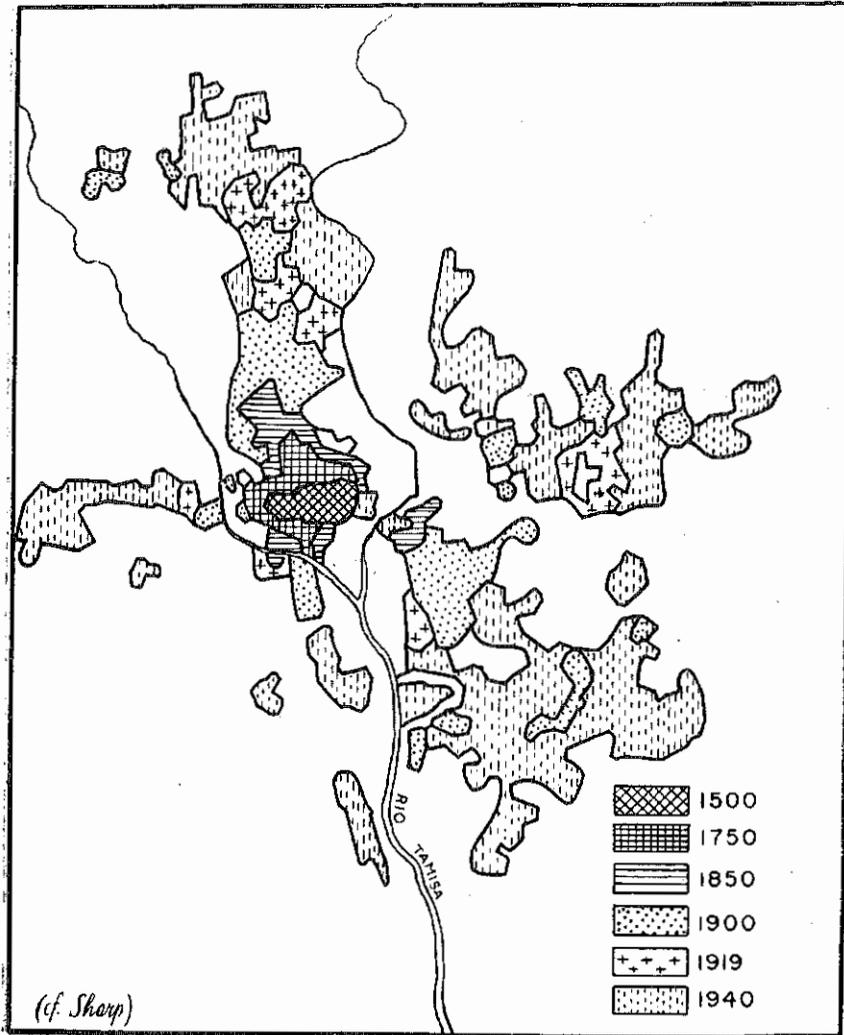
Entretanto, é a *função universitária* a mais bem conhecida, embora cronologicamente deva ser citada em segundo lugar. Iniciada modestamente no século XII, quando alguns professores reuniram em torno de si um punhado de alunos, nos moldes das corporações medievais, a Universidade de Oxford conta, hoje, com cerca de 6.500 alunos. Seu raio de ação é, por isso mesmo, o maior, pois ali se congregam estudantes de todas as raças e de todas as partes do mundo. A beca universitária, a bicicleta (que é o meio de transporte mais comum dos estudantes), os trajes exóticos de certos estudantes estrangeiros, o cosmopolitismo da população universitária — tudo isso constitui parte integrante da vida e da paisagem de Oxford.

De raio igualmente amplo, embora em escala muito menor, é a sua *função turística*. Sendo uma das cidades mais belas da Inglaterra, senão do mundo, Oxford atrai sempre um elevado número de turistas, desejosos de conhecê-la, não apenas como um dos mais famosos centros universitários, como por conservar magníficos exemplos da arquitetura gótica; se mais turistas não recebe é porque, super-lotada como se encontra (8), oferece muitas dificuldades à acomodação dos forasteiros.

Finalmente, a mais recente de todas e a mais importante sob o ponto de vista econômico é, sem dúvida, sua *função industrial*. O desenvolvimento da indústria pesada em Oxford decorreu de circunstâncias inteiramente fortúitas; embora contando com as vantagens de sua situação geográfica, não possui nenhuma matéria prima básica, fonte local de energia ou, mesmo, facilidade de mão de obra

(7) No tempo das diligências, Oxford era ponto de parada obrigatória para descanso de quantos pretendiam atravessar as escarpas de Cotswold ou de Chiltern.

(8) A última guerra levou para Oxford cerca de 10.000 evacuados de Londres. As indústrias reclamam 8.000 casas para seus operários. Em 1946, a população estudantil era quatro vezes maior que em 1939.



O crescimento da cidade de Oxford

na própria cidade. Tudo se deve exclusivamente à iniciativa de William Morris, hoje Lord Nuffield, que, possuidor a princípio de modesta oficina destinada ao reparo de bicicletas, passou a ser atualmente o magnata da Morris Motors Ltd., empresa que fabrica um quarto da produção total de automóveis da Grã-Bretanha. A população operária é relativamente grande (17.600, para uma população de 107.000 hab.), mas não basta para atender às necessidades crescentes da importante indústria; por isso mesmo, muitos operários vêm diariamente das cidades próximas, até um raio de 37 km de distância.

Uma população flutuante. — Em virtude de suas funções universitária e industrial, a população de Oxford caracteriza-se por ser extremamente flutuante: altera-se quotidianamente, graças ao fluxo e refluxo dos operários; altera-se periodicamente, com a chegada e a saída dos estudantes, no decorrer do ano letivo. Mas torna-se preciso lembrar que existem várias cidades satélites — como Bambury, Woodstock, Burford, Witney, cuja população mantém um estreito contacto com a cidade de Oxford.

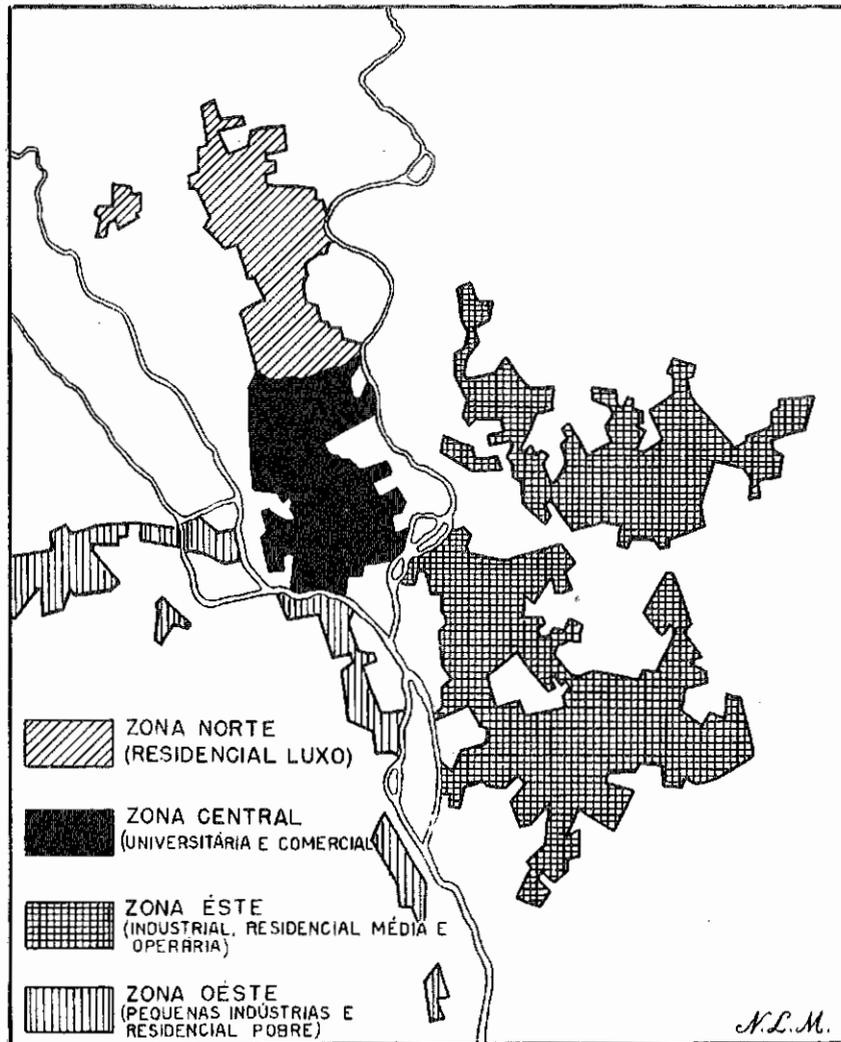
Paisagens urbanas. — No conjunto da cidade, a ocupação do solo pode ser bem avaliada, antes de tudo, através dos seguintes dados numéricos:

	<i>Em acres</i>
Area comercial e residencial	2.900
Area universitária	1.250
Espaços livres	1.150
Estradas e vias urbanas	470
Area industrial	400

Nesse total, de 6.170 acres, apenas 600 são considerados como pertencentes ao perímetro urbano. Daí se deduz que a área suburbana é dez vezes maior que a urbana, que a função universitária é a que ocupa a maior área (tendo-se em vista o fato de restringir-se a função comercial, na realidade, quase exclusivamente a três ruas) e que os espaços livres (vales inundáveis, jardins-cemitérios, parques) impedem que a cidade apresente um aspecto maciço.

No ponto de vista da paisagem, torna-se possível reconhecer, pelo menos, três zonas de aspecto diferente:

1. a área compreendida entre o Tâmsa e o Cherwell, que abrange as zonas Central e Norte;
2. a área situada à direita do Tâmsa, correspondente à zona Oeste;



Ocupação do solo em Oxford

3. a área situada à esquerda do Cherwell e do Tâmisia, correspondente à zona Leste.

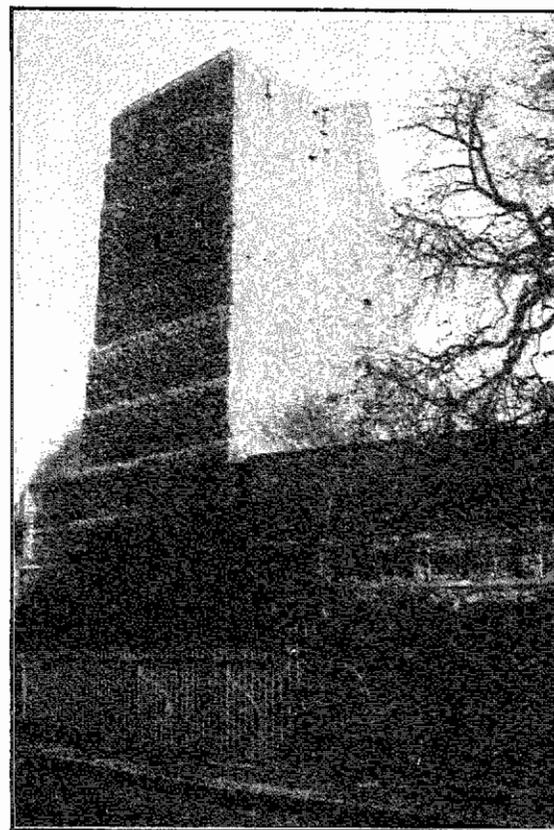
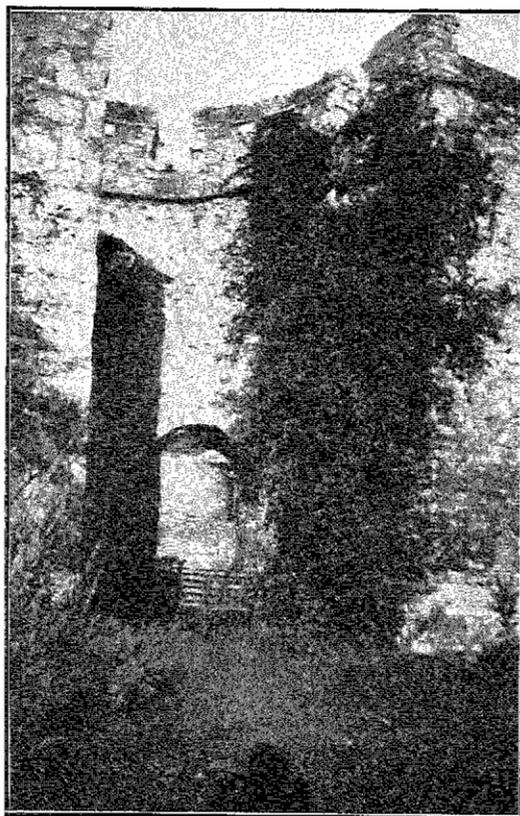
A Oxford tradicional e bela, a Oxford dos turistas, encontra-se no trecho compreendido entre o Tâmisia e o Cherwell. Distinguem-se, ali, duas subdivisões, que denominaremos de Zona Central e Zona Norte, conforme a própria terminologia dos habitantes da cidade. A Zona Central, mais próxima à confluência dos dois rios, é a que desenvolve as funções comercial e universitária. Seu centro é o famoso *Carfax* (9), cruzamento das vias norte-sul e leste-oeste, e suas ruas acusam, em seu traçado, a disposição da velha muralha medieval, de que restam ainda certos vestígios, e do respectivo fôssode proteção. Lá se acham alguns dos elementos mais característicos de Oxford, tais como: *Cornmarket Street*, a rua comercial por excelência, cujo nome recorda o tempo em que ali estava o mercado de grãos; *High Street*, principal artéria da cidade, célebre por possuir alguns dos mais belos colégios e por ser um centro de ativo tráfego, desde que é a única via que toma a direção de leste; testemunhos históricos da cidade, como o torreão do Castelo feudal e o da Porta Norte da cidade, restos da muralha medieval e a veneranda igreja de São Martinho; finalmente, ali se encontra a maior concentração de colégios, com suas construções em estilo gótico, o que justifica o cognome dado a Oxford — *Cidade dos Torreões* ("City of the Spires").

Marcando o limite das Zonas Central e Norte, encontra-se o grande *Parque Universitário*, situado à margem do Cherwell. Neste ponto, inicia-se a área essencialmente residencial, cuja origem acha-se intimamente ligada à história da Universidade. Foi lá que os professores construíram suas casas, quando deixaram de ser obrigados a ficar celibatários e a morar nos colégios; hoje, é nesta zona que se concentra a maioria das pensões para estudantes. Das áreas residenciais, sem dúvida é esta a mais bela de Oxford, com suas habitações isoladas, cercadas por jardins e situadas em ruas arborizadas.

As Zonas Leste e Oeste marcam nítido contraste com a que vimos de descrever. Essa última, que acompanha a margem direita do Tâmisia, é baixa e inundável em grande parte; extensas são suas áreas vazias, ocupadas pelos *meadows* (campos com árvores esparsas), cortadas aqui e ali por bairros residenciais pobres, *slums* ou cortiços, pequenos estabelecimentos comerciais, as estações ferroviárias, o gasômetro.

Já a Zona Leste, muito mais populosa, abrange a área ocupada pelas grandes indústrias, os bairros operários e os da classe média. Reaparece, então, a sucessão monótona de casas idênticas, que tanto

(9) Palavra que corresponde ao *carrefour* dos franceses.



Relíquias do passado

Vigia da antiga muralha medieval da cidade de Oxford e torreão de seu Castelo feudal (Fotos do autor).



Oxford tradicional e Oxford industrial
Cidade histórica, ao mesmo tempo que cidade moderna, Oxford é cheia de contrastes. Aqui vemos parte de sua muralha medieval (que, hoje, marca os limites dos jardins do *New College*) e uma rua de bairro operário (Fotos do autor).

desnorteia o turista recém-chegado à Inglaterra; as ruas, despidas de arborização, apresentam um aspecto severo e triste. Nas partes mais altas começam a surgir residências semi-luxuosas e alguns novos bairros tendem a desenvolver-se, dentro dos modernos preceitos da urbanização. Com sua intensa vida industrial, a Zona Leste constitui quase uma cidade à parte, tendo até mesmo seu centro industrial próprio; a hostilidade que lhe votam os estetas extremistas deu novo impulso à luta *Gown versus Town* (10), havendo planos de remodelação da cidade a fim de conservar o tradicional aspecto de Oxford.

Um verdadeiro paradoxo. — Apesar de pequeno centro urbano em área e população, Oxford constitui um exemplo de vitalidade; sua complexidade de funções e de aspectos, seu raio de influência, fazem dela um organismo extremamente ativo. Tendo embora quase dez séculos de existência, Oxford consegue o paradoxo de ser, ao mesmo tempo, uma cidade do passado, verdadeiro monumento histórico, e uma cidade moderna; rejuvenescida pela atividade industrial, chega mesmo a apresentar os característicos de uma cidade jovem, em plena fase de expansão e desenvolvimento.

BIBLIOGRAFIA

- BOASE (Charles W.), *Oxford*, ed. Longmans, Green & Co., Londres, 1893. — DEMANGEON (Albert), *Les Iles Britanniques*, tomo I da "Nouvelle Géographie Universelle" de La Blache e Gallois, ed. Colin, Paris, 1927. — GILBERT (E. W.), *The industrialization of Oxford*, em "The Geographical Journal", vol. CIX, ns. 1-3, janeiro-março de 1947. — PHILLIPS (John), *Geology of Oxford and the Valley of the Thames*, ed. Clarendon Press, Oxford, 1871. — SHARP (Thomas), *Oxford replanned*, ed. Oxford City Council, Oxford, 1948. — STAMP (L. Dudley), *Britain's Structure and Scenery*, ed. Collins, London, 1947. — Dados e observações colhidos pessoalmente.

(10) Expressão que significa *Béca versus Cidade*, como a indicar o zelo dos estudantes e professores em manter Oxford como cidade essencialmente universitária.